

68 foi bala:

memórias da resistência juliana à ditadura

Por Bárbara Juliana Lauxen¹, Gabriel Trucolo de Lima², Larissa Grisa³ e Lucas Porto Azevedo⁴

Resumo

O seguinte projeto surgiu a partir da demanda do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), o qual sugeria o trabalho interdisciplinar entre os subprojetos que o constituem. A partir disso, os subprojetos de História e Português que atuam no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, localizado na cidade de Porto Alegre, reuniram-se em torno de um objetivo comum: trabalhar o período da Ditadura Civil Militar no contexto escolar juliano. Entre os objetivos estão resgatar as memórias da instituição através do estudo do período da ditadura, despertar o espírito de aluno “juliano”, desenvolvendo um trabalho de revalorização da escola, e por fim, a articulação de atividades de modo interdisciplinar entre as disciplinas de História e Português. Para alcançar tal fim, foi elaborada uma aula conjunta entre as disciplinas envolvidas, tendo como ponto de partida para o desenvolvimento do conteúdo a música *E a Revolução* de autoria de Nei Lisboa. Após a exposição do conteúdo, os alunos foram convidados a elaborar cartazes, através dos quais poderiam expor suas ideias e/ou reivindicações relativas aos mais variados âmbitos de suas vidas, semelhante aos cartazes produzidos por estudantes da escola no período estudado. As produções dos discentes expressaram seu envolvimento com a atividade, sua capacidade de ler o mundo a sua volta, bem como a percepção dos assuntos que estão em discussão no contexto de sua realidade. Além disso, e talvez a ação mais impactante, foi o convite à aceitação, para cada estudante, de seu reconhecimento enquanto agente histórico, capaz de gerar mudanças assim como fizeram os sujeitos históricos estudados.

¹ E-mail: lauxen11@gmail.com

² E-mail: gabrieldelima@gmail.com

³ E-mail: larigrisa@yahoo.com.br

⁴ E-mail: lucas.porto-azevedo@hotmail.com

Abstract

The next project arose from the demand PIBID program, which suggested interdisciplinary work between the subprojects that are. From this, the subprojects of History and Portuguese working in State College Júlio de Castilhos, located in Porto Alegre, gathered around a common goal: working period of the Civil Military Dictatorship in the Julian school context. Among the goals are to rescue the memories of the institution through the study of the period of the dictatorship; awaken the spirit of student "Julian", developing a work of upgrading the school, and finally, the articulation of an interdisciplinary approach between the disciplines of History and Portuguese activities. To achieve this end, we created a joint class between the disciplines involved, taking as a starting point in the development of content the song *E a Revolução* authored by Nei Lisboa. After exposure of the contents, students were asked to design posters, through which they could express their ideas and / or claims relating to various areas of their lives, similar to the posters produced by students of the school during the study period. The productions of dissidents expressed their involvement in the activity, their ability to read the world around them, as well as the perception of the issues that are discussed in the context of their reality. Additionally, and perhaps most impactful action, was the call for acceptance, for each student, his recognition as historic, capable of generating change agent as did the historical subjects studied.

No atual período da história da nossa educação é grande o incentivo para a realização de atividades interdisciplinares. Tal ação tem por foco gerador a necessidade de auxiliar os educandos a construir relações entre as matérias estudadas, ampliando as conexões dos saberes e fugindo do antigo modelo de aprendizagem por blocos de assuntos específicos. Acreditando na validade dessa proposta, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) estimula o desenvolvimento de atividades interdisciplinares nas escolas onde está presente. Atualmente, o Pibid ligado ao curso de História conta com vinte e quatro bolsistas, divididos em quatro escolas públicas da cidade de Porto Alegre.

A opção em desenvolver uma atividade com viés interdisciplinar foi acolhida não apenas como uma demanda do subprojeto Pibid-História, mas como uma oportunidade de (re)pensar os métodos de ensino e o tipo de professor que almejamos ser. Partindo desse princípio, nosso foco central para escolha do recorte temático e do objetivo central da atividade passaram pelas seguintes reflexões: a necessidade latente de indagar as formas de como desenvolver uma atividade dentro desse contexto, levantando questões que possam gerar questionamentos na vida do estudante e que estes reflitam no contexto social do aluno juliano.

Neste contexto, o desenvolvimento desse projeto teve por intuito, trabalhar a história do Julinho dentro do contexto da ditadura militar. Algo além da história da instituição e sua trajetória política, trazemos como protagonistas estudantes da escola que, neste determinado período, se engajaram na luta política contra o regime ditatorial, centralizando o estudo na figura de Luiz Eurico Tejera Lisboa, assassinado pela repressão em setembro de 1972.

A interdisciplinaridade na educação é uma bandeira defendida por muitos educadores como um modo de elaborar inovadoras sistemáticas na prática do ensino escolar. Esta prática de docência não vem para substituir ou limitar a autonomia do professor dentro da sala de aula, mas agregar, pois a “interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade de trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa.” (LÜCK, 1995, p. 88). Ou seja, o que se procura é a interação entre as disciplinas, eliminando as barreiras da fragmentação do conhecimento. Assim, a interdisciplinaridade permite trabalhar rompendo essas travas e, por isso, o professor não deve ter medo de romper com o “comodismo” por estar habituado a desenvolver suas aulas de forma autônoma.

O Projeto

A partir de proposta apresentada pelos coordenadores do Pibid Subprojeto História, iniciou-se um processo de reflexão sobre a interdisciplinaridade no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, também conhecido como “Julinho”, localizado no bairro Santana da cidade de Porto Alegre. A instituição conta, atualmente, com três subprojetos do programa: Francês, História e Português. Inicialmente, elaborou-se um projeto de aula que *a priori* contemplasse as três disciplinas. Contudo, por questões internas de planejamento de cada subprojeto, apenas as disciplinas de História e Português atuaram em conjunto.

A primeira etapa para elaboração da atividade consistiu em inúmeras reuniões de planejamentos nos quais o acordo de trabalho entre os subprojetos foi firmado. Contudo, cada disciplina conta com número significativo de alunos pibidianos, e assim fez-se oportuna a divisão do grupo para a execução da atividade. Primeiramente por ser desnecessário e, até mesmo pouco prático, a presença de muitos bolsistas em uma mesma aula, além da necessidade de dar continuidade aos projetos que cada grupo individualmente já organizava na escola. Assim, três alunos de cada grupo, somando seis bolsistas no total, tornaram-se responsáveis, juntamente com os professores supervisores e coordenadores, pelo desenvolvimento da atividade interdisciplinar.

Nas discussões levantadas pelo grupo, percebeu-se a oportunidade de trabalhar com o tema ditadura civil militar, em virtude da efeméride de 50 anos do golpe, e tendo em vista que três alunos da escola foram exilados e assassinados no período em questão. Outro assunto compreendido como imprescindível ao trabalho foi a história do colégio. Dessa forma, decidiu-se por unir os dois temas e buscar um fio condutor que ligasse as duas questões de forma coerente e atrativa para os estudantes.

O planejamento da oficina foi realizado através do compartilhamento de informações e de conteúdos. Prezando-se por formas diferenciadas de ensino, ficou decidido que os bolsistas de História desenvolveriam oficina com as cartas produzidas por Luís Eurico Lisboa, sendo estas enviadas a sua companheira Suzana Lisboa. Ao encontro dessa ideia, as bolsistas de Português optaram por desenvolver uma reflexão a partir da música *E a Revolução*, de Nei Lisboa, irmão de Luiz Eurico, e para quem dedica a obra, enquanto instrumento de protesto, o duplo sentido da palavra *bala* na frase “68 foi bala” da música, permanências do regime militar citadas na letra da canção. Por sua vez, a disciplina de História a contextualização da ditadura no cotidiano “juliano”, excertos das cartas de Luiz Eurico, as manifestações na escola desencadeadas pelo movimento

ditador, bem como as permanências do regime militar na atualidade.

Desse modo, o projeto interdisciplinar de História e Português, ganhou forma de uma oficina, intitulada “68 foi bala”: *Memórias da Resistência Juliana à Ditadura*, cujos objetivos principais são resgatar as memórias da instituição, através do estudo do período da ditadura, tendo como foco no ano de 1968, despertar nos educandos o espírito de aluno “juliano”, desenvolvendo um trabalho de revalorização da escola.

Estrutura e Execução

A oficina foi organizada e ocorreu dentro da seguinte estrutura: no primeiro momento, antes de adentrar no contexto da participação dos alunos envolvidos na luta contra o regime opressor, os pibidianos da História realizaram uma análise expositiva trazendo um panorama geral dos antecedentes que levaram ao golpe de 64 e a instauração do regime militar no país. Além desses fatores, foi necessário discorrer sobre como os fatores externos ao território nacional influenciaram no rumo político de nosso país e como repercutiu no cenário nacional, conforme demonstrado no slide 1.

Apresentação Slide História 1

Golpe de 1964

- Doutrina de segurança Nacional;
- Exército depõe o presidente eleito;
- Fim das liberdades democráticas;
- Perseguições políticas (prisões e torturas)



Apresentamos, portanto, um panorama político e histórico da década de 1960, marcado pela Guerra Fria e o impacto imperialista norte-americano na América Latina, expondo as tensões geradas a partir deste contexto. Com isso, retratamos as disputas ideológicas e de poder que aconteciam no Brasil durante o governo de João Goulart, o que possibilitou a explicação de como se deu o golpe de Estado que instaurou uma ditadura no Brasil.

Tendo explicado o contexto geral, passamos a expor

algumas características que marcaram o período, como a perseguição política e a suspensão de alguns direitos básicos da cidadania; a censura e a tortura; o controle do Estado de organizações de ativismo político. A partir destas características gerais, foi possível mudarmos o foco da reflexão histórica: do contexto amplo e geral do Brasil, para o papel do Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Esses tópicos tornam a realidade da ditadura mais próxima dos alunos, uma vez que estamos falando de um lugar familiar a eles e de vidas de estudantes, assim como eles, e que enfrentaram um episódio tão brutal da história do Brasil.

Apresentação Slide História 2

“Subversivos”? Resistência Juliana à ditadura.

- Demissão de professores críticos ao regime;
- Imposição de normas de comportamento (proibição de minissaias);
- Fechamento do Grêmio Estudantil;
- Protestos dos alunos;
- Acampamento no Coreto (Instalação do Grêmio Livre);
- Expulsão de Alunos que participaram da manifestação (entre eles Luiz Eurico Lisboa);
- Formação da Guerrilha Brancalione;
- Alguns alunos presos ;



Nesta lógica, se explica a utilização da música de Nei Lisboa e das cartas de Luiz Eurico Tejera Lisboa: irmãos, ambos foram estudantes da escola durante o período estudado, sendo o último uma das vítimas fatais da repressão, tendo desaparecido em 1972 e tendo seus restos mortais encontrados apenas em 1979. Dessa forma, para fechar a primeira parte da oficina, foram introduzidos excertos das cartas de Eurico para Suzana e outras, cujas reflexões demonstram a sua preocupação com o futuro do país. O final de sua vida também é apresentando, a fim de elucidar uma realidade ainda enfrentada por muitas famílias que perderam seus entes queridos: a falta de informação sobre o paradeiro dos mesmos no período de captura, assim como o de seus restos mortais em tempos hodiernos.

Apresentação Slide História 3

Condições Ideais para o Amor

“(...) Hoje à tarde eu pensei no que era antes de ti... E fiquei envergonhado, Suzana. Como se pode ser tão mesquinho, tão mediocre, tão NADA, sob um ar importante ou um comportamento auto-suficiente!... Fiquei com pena de todos eles, Suzana. Dos que mentem, dos que invejam, dos empertigados, dos ambiciosos, dos que fazem do amor um remédio, um passatempo, um negócio, um paliativo. E percebi quão poucos entre nós chegaram ao sentido final do combate que travamos. Eles não compreendem, Suzana, que nós somos um momento na luta que o Homem vem enfrentando através da História, cada vez mais conscientemente, pela felicidade. Não entendem que nós buscamos, em última análise, as condições ideais para o amor. (...)”

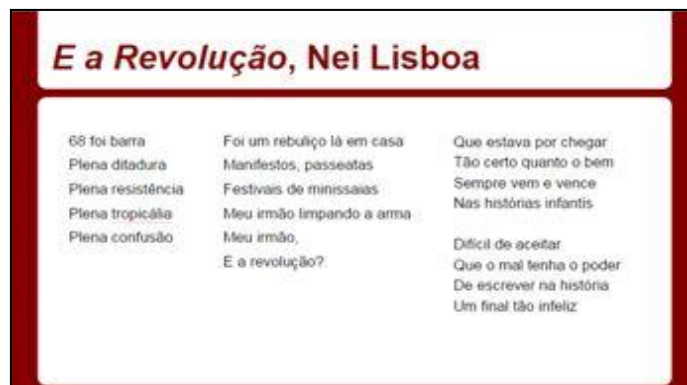
lco Lisboa. 5/7/1968

Apresentação Slide História 4

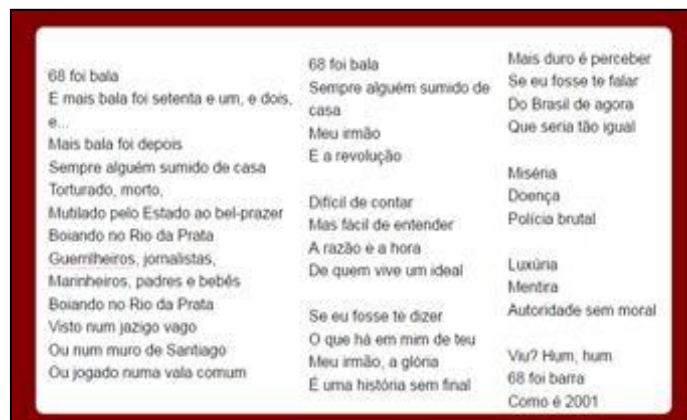


Posteriormente a contextualização, os alunos entraram em contato com a música, recebendo uma cópia da letra, a qual faz referências ao período, ao irmão do músico e traça paralelos entre o passado e o presente. A canção foi ouvida por todos através de um vídeo-clippe composto pelos alunos do Pibid, que consiste na canção legendada e acompanhada de fotografias de momentos de repressão e ativismo político durante a ditadura civil-militar e também de momentos do próprio Colégio Júlio de Castilhos.

Apresentação Slides Português 1



Apresentação Slides Português 2



O Pibid de Língua Portuguesa, então, explicou algumas questões líricas e linguísticas a respeito da letra da canção e de seu compositor. Inicialmente, os bolsistas apresentaram a trajetória do artista de forma breve, destacando sua trajetória e obra. Em um segundo momento, os alunos foram indagados sobre o objetivo da canção – quem seria seu possível interlocutor e analisando o duplo sentido do termo “bala”, o sentido coloquial que significa “legal” ou “bom”, e o sentido literal que, por sua vez, representa munição de arma de fogo. É importante perceber que estas explicações, ainda que associadas aos estudos de Língua Portuguesa e de figuras de linguagem, não estão livres de conterem em si explicações do campo da História – para compreender o sentido real e profundo do uso literal do termo “bala” em “68 foi bala”, se fez necessário o resgate do contexto repressivo que marcou a ditadura da década de 60.

Apresentação Slides Português 3

“E a Revolução”

Dentro da temática “Ditadura e Direitos Humanos”, **E a revolução** é a oitava faixa do álbum “Cena Beatnik” lançado em 2001. Sua discografia completa junto a uma coluna de textos escrita por Nei e outros materiais estão disponíveis em seu site oficial.

Apresentação Slides Português 4

Por quê? Pra quem? Quando?

- É possível saber para quem Nei escreveu esta canção? Que marcas no texto trazem esta informação?
- Que tipo de texto é esse? Os acontecimentos são factuais ou inventados?
- O autor usa a expressão “68 foi bala”. A palavra “bala” tem o mesmo significado hoje? Podemos pensar em outros sentidos?
- Que marcas no texto revelam que o autor escreveu a canção em um tempo posterior ao ocorrido?
- Pode-se chegar a uma conclusão do porquê de Nei Lisboa ter escrito esta canção? Ele poderia ter escrito esta mensagem usando outro tipo de texto?

A respeito do possível interlocutor: tal análise feita pelo grupo de Língua Portuguesa é referente aos trechos da letra em que Nei Lisboa parece dialogar com alguém identificado apenas como “meu irmão”. Em um primeiro momento, faz menção direta a este irmão: “*meu irmão limpando a arma*”. Depois, em repetidos momentos, fala com este enigmático interlocutor. Novamente, faz uso de uma figura de linguagem: “*meu irmão*” pode estar no coloquial significando “meu amigo”; “meu camarada”. Porém, nossa análise parte da ideia de que o termo “*meu irmão*” seja li-

teral em todas as vezes em que surge na letra. E mais uma vez, o resgate histórico se fez necessário.

Nós, enquanto Pibid do subprojeto da História, expomos aos alunos a trajetória do irmão (no sentido literal da palavra) de Nei Lisboa: Luis Eurico Tejera Lisboa, estudante do Colégio Júlio de Castilhos e membro da Guerrilha Brancaléone. Membro da luta armada contra a Ditadura, Luis Eurico nos permitiu falar não só sobre as formas de resistência organizada, mas também sobre o papel dos alunos do Colégio Estadual Júlio de Castilhos na forma com que esta resistência se deu na cidade de Porto Alegre.

Neste momento, narramos um episódio ocorrido no ano de 1967, no colégio, quando alguns jovens, influenciados pelo meio-cultural *transgressor* da época, ainda que de forma diluída em programas de televisão como *Jovem Guarda*, estavam tensionados com o meio escolar que prezava pela ordem e por valores tradicionais de família. Neste ano, populariza-se a minissaia, que se mostra apelativa entre algumas das jovens julianas. A direção do Júlio de Castilhos, entretanto, não permite que tal peça de roupa seja usada por suas alunas. O resultado é um conjunto de fatores que causaram atrito entre estes grupos de jovens *transgressores* – que entre outras coisas almejavam o uso de cabelos compridos por parte dos rapazes – e a direção da escola, culminando no fechamento e suspensão das atividades do Grêmio Estudantil.

É neste contexto que desponta a participação e o ativismo político de Luís Eurico Tejera Lisboa, que mais tarde integra o PCB e, posteriormente a luta armada pela Guerrilha Brancaléone. A figura de Luís Eurico é essencial como linha de condução de nossa atividade: não só pela sua conexão direta com a música, mas pela sua condição de aluno do Colégio Júlio de Castilhos. Também é digno de nota o fato de ser o primeiro desaparecido político a ter seus restos mortais localizado e identificado, em 1979, pelo Comitê Brasileiro pela Anistia. A partir do relato de sua trajetória, se faz possível resgatar fatos que ilustram a repressão da ditadura, bem como o protagonismo político do Grêmio Estudantil do Júlio de Castilhos.

Utilizamos fotos de Luís Eurico Lisboa em nosso vídeo, de forma sincronizada com a letra da música: quando Nei Lisboa se dirige ao seu irmão-interlocutor, a imagem de Luís Eurico preenche a tela. O mesmo efeito foi almejado em outros momentos da canção, ou seja, a representação “gráfica” do significado da letra através de fotografias. Tal escolha se deu com o intuito de provocar os alunos a analisar o conteúdo da letra, facilitar sua abstração da canção e direcionar sua atenção ao significado da atividade e da música.

Voltamos a fazer uma ponte com Língua Portuguesa ao analisar o poema *É Hora*, escrito por Luis Eurico. Trata-se de uma obra de cunho extremamente político, na qual o au-

tor nomeia seus contemporâneos de “guerreiros” e os con-clama para uma revolução. Com isso, foi possível abordar o aspecto cultural do período da Ditadura Civil-Militar, fazendo menção às músicas de protesto e de resistência que foram censuradas e sobre como as mesmas eram um meio de resistência. Tal ideia encontra-se explícita no poema analisado:

A minha pena é
Uma espada
E o meu canto
Se eu canto
É um canto de guerra.
(...)
Quem cala
compactua
Quem baixa as armas
Aceita a opressão
Fortalece os tiranos!

Como pode ser observado, fica explícita a defesa da ideia de que o simples ato de manifestar-se consistia em um ato de resistência. Mencionamos, aos alunos, algumas músicas do período que partem do mesmo princípio, como *Cálice*, de Chico Buarque, *Pra Não Dizer que Não Falei das Flores*, de Geraldo Vandré, *O Bêbado e o Equilibrista* de Elis Regina – músicas que, em alguns casos, não fazem um comentário *explícito* sobre política ou sobre a ditadura, mas que tornam seu comentário inteligível a partir do uso de figuras de linguagem. Ou seja, através destes exemplos, é possível não só explicar o valor de tais figuras de linguagem quando bem empregadas, mas também demonstrar o funcionamento da censura durante o período histórico estudado. É importante ressaltar que tal reflexão – sobre o papel da música e da arte enquanto instrumento político – se dá em uma atividade totalmente baseada na interpretação de uma canção, o que reforça o tema central de nossa atividade.

Também trabalhamos uma carta de amor escrita por Luís Eurico para sua esposa Suzana Lisboa, onde se denota a angústia e indignação do primeiro perante o contexto político em que vivia, encontrando em sua luta a esperança de um futuro melhor. Alguns outros paralelos também foram feitos, como a foto de Luis Eurico já morto – configurando um suicídio forjado – e o famoso caso do assassinato de Vladmir Herzog, cuja conhecida foto foi exibida no vídeo com a canção.

A interação com os alunos

A canção *E a Revolução?* de Nei Lisboa conta com um trecho de relação do passado com o presente:

Mais duro é perceber
Se eu fosse te falar
Do Brasil de agora
Que seria tão igual
Miséria

Doença
Polícia Brutal
Luxúria
Mentira
Autoridade sem moral

A partir deste trecho, tentamos recriar o paralelo entre passado e presente. Inicialmente, isto foi feito expondo algumas das heranças da ditadura civil-militar que perduraram no Brasil contemporâneo, como a polícia armada, a despolitização social e a repressão direcionada no momento do uso de direitos garantidos por lei. Feitos estes breves comentários, adotamos uma postura de diálogo com os alunos, instigando-os a compartilhar suas percepções e experiências, especialmente no que se refere às manifestações sociais de julho de 2013 e a repressão policial presenciada neste período, as inúmeras violações de direitos provocadas pela Copa do Mundo e, eventualmente, o papel do Grêmio Estudantil do Colégio Júlio de Castilhos no tempo presente.

Percebemos a Escola Júlio de Castilhos como uma instituição que se transformou de 1960 até hoje – o que é, de toda a forma, óbvio. Tal transformação se deu no sentido da condição financeira dos alunos matriculados na instituição, que no passado, exigia uma prova para ingresso. O “Julinho”, como é chamado, era um colégio de elite que cultivava uma ideia de pertencimento – um aluno do Julinho é um “juliano”. Ao longo do tempo, inúmeras personalidades consideradas importantes tiveram passagem pelo Júlio de Castilhos, como o senador eleito, em 2014, Lasier Martins, a candidata a presidente Luciana Genro, o fundador do MTG Paixão Cortes, o ex-diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Temístocles Cesar, e os já citados Nei Lisboa, Luis Eurico Lisboa e Suzana Lisboa.

Resgatar a história do papel proeminente do Grêmio Estudantil da escola no período da Ditadura Civil-Militar, um papel que consideramos importante e louvável, tem como objetivo ensinar aos alunos da instituição sobre este contexto histórico específico, despertando nos mesmos

apreço e afeição pelo patrimônio público do colégio – e também elucidá-los sobre seu papel de agentes da História.

Como atividade final, solicitamos aos alunos que produzissem cartazes de cunho de protesto político, trazendo reivindicações de sua realidade contemporânea e de seu interesse pessoal. Tal atividade resgata a ideia da simples manifestação como uma forma de luta política e de resistência, tal qual a ideia de agentes da História, mas também articulando com a importância de saber o que escrever e como escrever, aspectos estes desenvolvidos também na Língua Portuguesa. Os cartazes tiveram mensagens extremamente variadas entre si: alguns denunciavam condições da Escola, que eram de desagrado por parte de seu autor, outros clamaram pela Legalização da Maconha, outro manifestava o respeito pela diversidade. Tais cartazes foram expostos na Feira de Artes do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, que ocorreu em novembro do ano de 2014, momento em que toda a escola estava presente e um espaço importante para a divulgação dos trabalhos realizados pelo PIBID junto à comunidade escolar.

Considerações finais

Consideramos a atividade muito bem-sucedida no que tange as produções finais e o seu planejamento e concepção. Os temas de Língua Portuguesa e História se complementaram muito bem ao permitir o estudo do aparato de repressão da ditadura militar e o uso de figuras de linguagem como forma de escapar destes entraves, e também, valorizou a prática da escrita e o uso da língua como uma forma de resistência e de manifestação política. De mesmo modo foi possível um resgate da história do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, um resgate que o grupo do subprojeto de História do Pibid buscava realizar desde os momentos iniciais de trabalho na instituição. Tudo isto foi feito a partir da análise de uma canção – o que é uma ação linguística e também historiográfica.

Neste sentido, a interação entre os dois grupos do PIBID foi muito construtiva, pois além da boa comunicação entre os bolsistas, supervisores e coordenadores na elaboração do projeto, dentro de sala de aula foi vivenciado o auxílio e cooperação mútuos, sempre na busca de apoiar aqueles na direção da apresentação.

Entretanto, é importante ressaltarmos que esta atividade se tratou de uma experiência inicial no que se diz respeito à interdisciplinaridade. Existem aprimoramentos a serem feitos – por exemplo, houve momentos em que a exposição do conteúdo linguístico se separou em demasia do conteúdo histórico e vice-versa.

Na segunda experiência, foi invertida a ordem da apresentação, sendo os bolsistas de Português a começarem. Este novo formato possibilitou uma maior interação entre os conteúdos, diferentemente da primeira tentativa. Foi possível estabelecer uma melhor relação entre os trechos da música com os conteúdos das cartas e os seus excertos selecionados.

Esta oficina trouxe um novo olhar dos alunos para a própria escola, sendo possível essa percepção através de suas falas e posturas. Compreender-se enquanto agente histórico, capaz de assumir posturas, que resultarão em atitudes que podem modificar o mundo a sua volta é uma realidade agora para os estudantes do Julinho. O entendimento da história do período ditatorial do país e as manifestações dos estudantes daquele período demonstrou que os “heróis” de ontem eram pessoas normais, de vidas comuns, mas que fizeram uma opção em um momento difícil: decidiram por lutar contra a opressão e as injustiças geradas por um governo ditador.

Referências Bibliográficas

LISBOA, Nei. *E a Revolução?*. ACIT, Porto Alegre. In: *Cena Beatnik*. 2001.

LISBOA, Luis Eurico Tejera. *Condições Ideais para o Amor: Poemas, manifestos e correspondência de um poeta guerrilheiro*. Porto Alegre: Ed. Tchê/Instituto Estadual do Livro. 1993.

GUTIÉRREZ, Cláudio Antônio Weyne. *A Guerrilha Brancaleone*. Porto Alegre: Ed Proletra, 1999.

COPSTEIN, Cora Schilling. LIMA E SILVA, Márcia Ivana de. SCHAFFER, Neiva Otero (org.). *O Julinho sempre foi notícia*. Porto Alegre: Colégio Estadual Júlio de Castilhos/Núcleo de Integração Universidade & Escola, 2001.

RODEGHERO, Carla. GUAZELLI, Dante. DIENSTMAN, Gabriel (org.). *Não calo, Grito – Memória Visual da Ditadura Civil Militar no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2013.

FAZENDA, I. C. *A Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?* São Paulo: Loyola, 1992.